

música

# Fernanda Porto: a diva eletrônica

## Aluna de Koellreutter e cantora lírica lança primeiro CD solo

**Gislaine Gutierre**  
Da Redação

A música *Sambassim*, gravada pelo DJ Patife com a deliciosa voz de Fernanda Porto, foi apenas o começo. Agora, a dona do timbre que conquistou adeptos da música eletrônica e fez de *Sambassim* um hit das pistas lança seu primeiro CD solo, *Fernanda Porto* (Trama, R\$ 21,90).

A estréia de Fernanda no mercado fonográfico não representa um ganho apenas para o universo da música eletrônica, mas para a brasileira. Longe de ser uma aventureira disposta a pegar carona no gênero do momento, Fernanda é profissional com ótima formação. Quando criança, logo se entrosou com a flauta doce. Adolescente, dedicou-se ao piano e, aos 16, ingressou na faculdade de música, onde foi aluna de ninguém menos que o mestre da música atonal, Hans Joachim Koellreutter.

Fora isso, é cantora lírica, compositora, e uma apaixonada por cinema e por poesia. Tanto que essas duas linguagens são grandes inspiradoras de suas canções. Curiosamente, a trajetória musical de Fernanda também passa pelo Grande ABC. "Inscrevi uma música para a trilha dos Jogos Abertos do Interior de Santo André e ganhei um prêmio, na categoria temas dos jogos. Mas não era marcial, era um funk e eu o toquei no Teatro Municipal. Foi muito divertido", diz.



Divulgação

Seu romance com a música eletrônica vem de longe. Já com Koellreutter, fez suas primeiras experimentações. Em 1993, dividiu a noite com o saudoso Suba no projeto *Conexão Midi*, promovido pelo Sesc. Mais tarde, conheceu o DJ Xerxes, que lhe apresentou o drum'n'bass. Em 1999, distribuiu sua demo para diversos DJs. Só Patife gra-

vou. E ainda bem que o fez.

O disco de Fernanda é bem brasileiro. Praticamente todo cantado em português, reserva espaço para os mais diferentes ritmos nacionais. Desde bossa nova (*De Costas pro Mundo*), até maracatu (*Baque Virado*). Destaque para *Sambassim* (versão de Fernanda, antes do remix de Patife), *Só Tinha de*

**No disco** bem brasileiro, a maioria das músicas é cantada em português e Fernanda também é responsável pela composição e execução da parte instrumental

*Ser com Você* e a ótima *Outro Lugar do Mundo*, uma espécie de retrato da loucura que é São Paulo. Das 14 faixas, apenas *Só Tinha de Ser com Você* (Tom Jobim/Aloysio de Oliveira) não leva a assinatura de Fernanda. Ela é a responsável, também, pela produção do disco. ★★★

**Conceitos:** ★★★★★ excelente; ★★★★ ótimo; ★★★ bom; ★★ regular; ★ fraco; ☆ ruim.

## Dudu Nobre põe mais tempero no samba

**Gislaine Gutierre**  
Da Redação

■ Dudu Nobre não é mais Moleque Dudu. Papai pela primeira vez, e já com seu nome escrito na lista de sambistas respeitados, o cantor, compositor e instrumentista lança seu terceiro disco solo, *Cheguei Mais* (BMG, R\$ 29 em média).

O músico, que a princípio ficou conhecido por seu bom desempenho como cavaquinista da banda de Zeca Pagodinho, desta vez deixa de lado esse instrumento e assume outro de cordas, o banjo. Isso em 12 das 14 faixas do álbum. Em duas, ele não aparece como instrumentista e apenas em *Amor pra Me Aquecer* toca banjo e cavaquinho.

Uma das características desse disco é que, além dos

tradicional instrumentos utilizados no samba, são incorporados cordas – violas, celos e violinos –, gaita, flauta, saxofone, teclado. Tudo a serviço do samba, já que Dudu, como em outras vezes disposto a experimentar novos temperos, também procura manter intacta a espinha dorsal do gênero que representa.

O que se vê, portanto, é um curioso encontro de cordas com palmas na faixa-título. Uma sanfona injeta sangue nordestino em *Cangaceiro* e a sofisticação dos sax tenor e alto, mais flauta e flugel, no gostoso samba *Velho Ditado*. Dudu ainda precisa melhorar sua interpretação vocal, mas as músicas estão tão bem estruturadas que a "falta" não compromete o todo. ★★★

## Gaitista une blues e MPB no Bourbon Street

**Gislaine Gutierre**  
Da Redação

■ Combinar blues com música brasileira não é tarefa das mais fáceis. Mas foi esse o caminho escolhido pelo gaitista Flávio Guimarães para fazer seu terceiro disco solo, *Navegaita* (Eldorado, R\$ 25 em média). O show de lançamento ocorre hoje, às 22h, no Bourbon Street Music Club, em São Paulo.

Flávio faz uma espécie de passeio pela música brasileira. Flerta com o maracatu na instrumental *Maracagroove*, faz o blues cabra da peste *Balada de Robert Johnson* e estabelece um curioso diálogo de gaitas com o "tocador de realejo" Tavares da Gaita. Há espaço, ainda, para as releituras de *Menina Mulher da Pele Preta*, de Jorge Ben Jor; *A Estrela da Noite*, de Jorge Mautner, além da fun-

keada *Mãe dos Vícios*. Mas nada de standards.

Claro que, como se trata de um disco de Flávio Guimarães, não há como perder a essência blueseira. Até porque a banda que o acompanha também se formou nesse escola. No entanto, quando se faz uma opção como essa – que às vezes resulta ingrata – tende-se a afrouxar os laços com o blues e por isso, desagradar. É um risco que o gaitista corre.

Se tivesse investido na linha de trabalho de *On The Loose* – um excelente disco – poderia apresentar o público com mais um álbum imperdível do gênero. Mas preferiu experimentar. ★★★

**Flávio Guimarães** – Show. Hoje, às 22h. No Bourbon Street Music Club – r. dos Chanés, 127, São Paulo. Tel.: 5561-1643. Couvert artístico: R\$ 18.

## Outros lançamentos, por Gislaine Gutierre

### The Cranberries

■ Esse é para fãs: chega às lojas do país o CD duplo *The Cranberries – Stars – The Best of 1992-2002* (Universal, R\$ 40 em média). Nele, a banda liderada por Dolores O'Riordan resgata alguns dos principais hits da rentável carreira, que já soma mais de 35 milhões de álbuns vendidos no mundo nessa década. Entre as faixas, *Dreams*, *Linger*, *Zombie* e *Analyse*, além da inédita *Stars*. São 20 músicas no primeiro volume e cinco no outro, que traz apenas registros ao vivo de um show em Estocolmo. ★★★



### Alexia

■ Uma boa banda, um punhado de músicas dançantes e uma base eletrônica para dar um ar mais moderno. Aí está a receita do novo disco *Alexia* (Universal, R\$ 29 em média) da representante do pop – uma delas – Alexia. O álbum tem 14 faixas, mas em apenas duas a italiana se atreve a cantar em seu idioma pátrio: *Senza Te* (uma versão de *This is My Life*, também presente no disco) e *Se un Giorno* (a mesma que *Whenever You Wanted Me*). É apenas mais um disco no universo do pop. ★★



### Rastaclo

■ Vindos do Espírito Santo, onde venderam cerca de 12 mil discos de seu primeiro trabalho independente, os rapazes do Rastaclo lançam *Essiédu-bão* (Green Songs, R\$ 25 em média), uma edição mais "caprichada" desse disco. Agora, há a nova *Lombra* e versões de *Selvageria* e *Perfume de Flor*. A idéia do grupo é mostrar um "power reggae", que seria resultado do reggae com hard-core. Mas o que se ouve é um festival de clichês de cada gênero, e temas já desgastados pelas bandas que têm os jovens como público-alvo (machonha, violência etc.). ★



### Rubin Steiner

■ Ao escutar o primeiro minuto de *Wunderbar Drei* (BMG, R\$ 29 em média), de Rubin Steiner, o ouvinte pode imaginar que daí em diante o trabalho será simplesmente inaudível. Mas, depois, para grata surpresa, percebe-se que isso se deve a uma grata invasão de suaves melodias e de trechos executados por músicos virtuosos que se somam às batidas eletrônicas. A receita elegante e curiosa é do francês Fred Landier. Depois de circular pelo meio underground do país, ele assumiu o nome Rubin Steiner e investiu no eletrônico mais jazz. ★★★



### Beachwood Sparks

■ O sucesso de Sade, *By Your Side*, ganhou roupagem nova. A versão, carregada de influências country, está no disco novo do Beachwood Sparks, *Once We Were Trees* (Die Young Stay Pretty/ Trama, R\$ 22). A boa releitura acompanha um repertório em que a tônica é a mistura do rock com country, com mais força para o segundo gênero. O trabalho da banda é mais suave que Creedence Clearwater Revival. E é quase contemplativo se comparado a outros grupos conterrâneos, da Calibornia, como Green Day e Red Hot Chili Peppers. ★★



### Martinho da Vila

■ Foram necessários mais de 30 anos para que Martinho da Vila aceitasse fazer um disco só como intérprete. A proposta, feita no início de sua carreira, não lhe despertou interesse. "Naquela época, era considerado cantor quem atingia tons muito altos e muito baixos", diz, ressaltando que não era seu caso. Com toda liberdade para interpretar com aquele jeito todo próprio, agora ele lança *Voz e Coração* (Sony Music, R\$ 29 em média), com canções como *Rio de Lágrimas*, *Apaga o Fogo Mané* e *Você Passa, Eu Acho Graça*. ★★



## Roteirista comenta seu filme 'Cidade de Deus'

**Alessandro Soares**  
Da Redação

■ O roteirista de *Cidade de Deus*, Bráulio Mantovani, 39 anos, comentará o filme hoje, após a exibição da produção, às 19h30, no Cine-Teatro Carlos Gomes (r. Senador Flaquer, 171. Tel.: 4436-6283), na abertura do seminário Cabeça Vazia, Oficina do Diabo? Uma Reflexão sobre o Lúcido, as Políticas Sociais e a Violência. A projeção, única e gratuita, está limitada à capacidade da sala (680 lugares), com preferência para 1,2 mil pessoas inscritas em oficinas que acontecem em espaços públicos andressenses de amanhã até sábado. Paulistano, Mantovani fez teatro amador na região dos 17 aos 21 anos. Atuou em um espetáculo sobre desemprego em dezenas de associações de bairro,

favelas e sindicatos.

"Meu contato com as comunidades carentes do Rio só aconteceu na preparação do filme. Percebi como a arte pode ser alternativa poderosa ao fascínio da violência. Ter arma é ter poder. O jovem com fuzil torna-se sexualmente atraente. É fato: até patricinhas de classe média, de cabelos claros e pele branca, são fascinadas pelos negros pobres com armas", disse Mantovani.

"Hoje, os atores do filme são respeitados nas comunidades. Trabalham com arte, namoram... Provam que o maior adversário da violência não é a polícia: é a oportunidade, a expressão artística. Isso vale para Rio, São Paulo, e o Terceiro Mundo", afirma. Amanhã, a palestra é de Marçal Aquino, roteirista de *Os Matahores*, *Ação Entre Amigos* e *O Invasor*, às 10h30. □

**Mauro Fernando**  
Da Redação

■ Alunos e professores da ELT (Escola Livre de Teatro), de Santo André, reuniram-se anteontem à noite com o primeiro escalão da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer no Teatro Conchita de Moraes, sede da instituição. Os assuntos tratados foram o atraso do pagamento dos professores e o receio do esvaziamento progressivo das atividades da ELT.

O secretário, Acyline Bellisomi, o secretário adjunto, Alexandre Takara, a diretora de Cultura, Betânia Juliano, e o coordenador da ELT, Kil Abreu, estiveram presentes. Os professores não recebem desde agosto e foram avisados que os pagamentos serão efetuados só em 2003. "Isso se deve ao volume gran-

de de precatórios que a Prefeitura terá de pagar até dezembro, e também à diminuição de receita", afirmou Bellisomi. Segundo o secretário, apenas as pastas de Educação e de Saúde não foram atingidas pela medida.

"O pagamento é a primeira questão, mas não a principal, que é a fragilidade da ELT como instituição", disse o representante dos professores, Luís Alberto de Abreu. A ELT é conhecida – e não somente no Estado – pelo processo pedagógico original, modelo para outras escolas.

A pesar disso, os professores, que têm contrato de prestação de serviços com a Prefeitura, não abandonarão a ELT. O mesmo problema se dá na ELCV (Escola Livre de Cinema e Vídeo) e nas oficinas culturais dos centros comunitários. □

## Teatro de Mauá tem farsa de Gil Vicente

**Alessandro Soares**  
Da Redação

■ O mote da peça *A Farsa de Inês Pereira* é um brado feminista do século XVI. "Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube" é de 1523, e retrata costumes da época. Esta é a segunda montagem com texto do autor português Gil Vicente (1465-1536) feita pela Cia. Quartum Crescente. A primeira foi *A Farsa do Velho da Horta*, de 1995.

Conta a história de Inês Pereira (Ideni Maria). Cansada do

trabalho doméstico, ela deseja se casar, o que representaria melhoria de vida. Dois judeus casamenteiros (Eder Lopes e Douglas Manoel) apresentam as opções: Pero (Jefferson Delfino) e Escudeiro (Glaycon Luiz). Pero é educado, mas bobo. Então ela se casa com Escudeiro, que a maltrata.

Adaptada para os costumes contemporâneos, a peça tem direção de Ronaldo Moraes e ritmo de Carnaval – com samba-enredo e canções brasileiras. □

**Mais informações no Roteiro à página 4.**

**DIÁRIO DO GRANDE ABC** Cultura & Lazer

Editor: Ricardo Ditchun,  
a partir das 9h. Tel.: 4435-8392  
e-mail: cultura&lazer@dgabc.com.br

■ Escreva para o caderno **Cultura & Lazer**: Rua Catequese, 562, bairro Jardim, Santo André. CEP 09090-900 E-mail: cultura&lazer@dgabc.com.br